

ACERCA DA DEFINIÇÃO DE ARQUITETURA EM SEUS ASPECTOS DA PRODUÇÃO E DA RECEPÇÃO DA OBRA*

ABOUT A DEFINITION OF ARCHITECTURE: ASPECTS OF DESIGN AND RECEPTION OF BUILDINGS

RITA DE CÁSSIA LUCENA VELLOSO**

RESUMO

A pergunta sobre o que é a Arquitetura se desdobra em como se faz, como se percebe, como se efetiva. O artigo discute esses termos para apresentar os rudimentos daquilo que se pode chamar teorias da produção e da recepção da obra arquitetônica.

Palavras-chave: Experiência da Arquitetura; Projeção do espaço; Apropriação; Habitante.

ABSTRACT

The question concerning a definition of Architecture is presented in terms of *how someone designs a building and how someone experiences architecture*. The purpose of this work is to discuss the themes of architectural production and reception posing some of their basic elements.

Keywords: Experience of Architecture; Design processes; Reception; Inhabitant.

* Este artigo integra a primeira parte de uma pesquisa apoiada pelo programa FIP/PUC Minas, denominada "Vida cotidiana e construção teórica da arquitetura", realizada ao longo do ano 2000.

** Arquiteta, Professora assistente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. Leciona História da Arquitetura Moderna e Teoria da Arquitetura. Coordenadora do Curso de Especialização "Arquitetura Contemporânea: Projeto e Crítica", IEC/Departamento de Arquitetura PUC Minas (desde 1999). Mestre em Filosofia pela FAFICH/UFMG, na área de Lógica e Filosofia das Ciências.

Criar uma nova arquitetura não significa unicamente fazer descobertas originais atuando individualmente; significa também, e em especial, difundir criticamente as verdades já descobertas, "socializá-las", por assim dizer, e portanto convertê-las em bases de ações vitais, elementos de coordenação e de ordem intelectual e moral. (Antônio Gramsci)

Fundamental, em se tratando de nomear a arquitetura, é considerá-la como experiência. Quando tematizamos o espaço que se experimenta na obra arquitetônica, podemos abranger os limites de um processo que evidencia a feitura dos lugares: a experiência de que se fala na arquitetura é a da apropriação do lugar por seu habitante, possibilitada pela projeção do espaço e levada a termo na obra construída.

Nas últimas quatro décadas, o trabalho de reflexão teórica e crítica sobre a arquitetura tem tomado como objeto, em suas perspectivas distintas, a especificidade mesma da arquitetura. A tarefa de redefinição era inevitável a essa disciplina, cujos preceitos e normas eram questionados e cuja ordem se desdobrava, abrangendo campos de ação novos e vizinhanças recentes. Desde 1960, a arquitetura pensa a si mesma no cruzamento com as tecnologias da construção e do ambiente, a ecologia, a psicologia, a literatura e teorias da linguagem, as ciências sociais, teorias políticas.

Ora, exatamente porque cada um desses campos de conhecimento enfoca um conjunto determinado de aspectos da obra, a pergunta pelo que é a arquitetura se desdobra em como se faz, como se percebe, como se efetiva. Nesses termos é que nos parece pertinente apresentar os rudimentos daquilo que se pode chamar teorias da produção e da recepção da obra arquitetônica.

SOBRE A PRODUÇÃO

Definir as componentes do fazer arquitetônico implica pensar duas instâncias da arquitetura: o projeto (a concepção) e a obra (a concretização). Cada uma

delas representa uma totalidade em si mesma. A atividade do arquiteto pode estar compreendida numa delas ou em ambas. Mas tais instâncias se inscrevem em domínios diferentes: a primeira é da ordem da representação, a segunda da ordem do real.¹ No projeto, a realidade é somente estimada, na obra ela se consoma. O projeto é a representação primeira de uma idéia. Ali tudo se passa segundo um conjunto de previsões que o autor é capaz de fazer. O projeto ainda não é objeto. Ele ainda não trata concretamente do espaço, mas tão-somente do desenho que o representa. A obra, essa sim, dá conta do espaço, concretamente: ela é a própria conformação do espaço, segundo uma idéia inicial antes representada no projeto.

O espaço é um conceito necessário à definição de arquitetura, mas não suficiente. É preciso olhar mais detidamente o que se passa no trajeto percorrido entre idéia, projeto e obra. Perguntar pelo que torna possível a reunião desses pólos numa unidade, a arquitetura. Faz-se aqui a pergunta pela matéria da arquitetura: aquilo que se deixa representar no desenho e ao mesmo tempo possui, na obra, corporeidade e fisicidade inequívocas.

Por isso o espaço, tomado em si mesmo, não confere especificidade à arquitetura.² É antes a lida do autor (arquiteto) com esse espaço – sua conformação – que nos leva a uma idéia de arquitetura. Faz supor uma atitude e uma ação características diante dessa coisa a que chamamos espaço.³

Se queremos analisar a práxis da arquitetura, devemos pensar os problemas que envolvem a conformação do espaço. Ainda aqui podemos tomar os dois níveis, do projeto e da obra.

O projeto reflete a formação de uma imagem. Ele é a imagem de uma idéia; como tal, é história dessa imagem arquitetônica. A finalidade do projeto é coordenar a comunicação dessa imagem de modo a que a obra possa ser corretamente executada. Contudo, o projeto é esquemático: explora um determinado tema, desde os esboços até os documentos definitivos, constituindo núcleos em torno dos quais se dará uma totalidade, a imagem arquitetônica.⁴

A obra, por sua vez, recebe mais de perto os dados do mundo real: nela se potencializa o conjunto das determinações ideológicas, estilísticas, técnicas e históricas. A ela vai-se somar cada um desses dados,⁵ permitindo ao espaço, em sua conformação, evidenciá-los. A obra é forma, é o lugar onde a linguagem da arquitetura se transforma em matéria. E a forma não deve ser deduzida tão-so-

¹ A ordem da realidade aqui se refere ao mundo dos objetos concretos, postos pela natureza ou pela criação humana: objetos primários.

² Basta que pensemos no que há de espacialidade em cinema, escultura etc.

³ Sobre o conceito de espaço: obviamente, deixamos de lado os problemas relativos ao espaço enquanto forma primeira da percepção sensível, considerando aqui somente o espaço pensado como materialidade.

⁴ Os modos dessa esquematização vão se diferenciando temporalmente: ver, a esse respeito, as mudanças na projeção arquitetônica no período que vai da Renascença aos historicismos do séc.XIX.

⁵ Com diferenciadas ênfases, dependendo da época histórica.

mente da técnica ou da ideologia. Como unidade, ela está organizada segundo um sentido.

A obra conforma um dado espaço segundo uma intenção própria, referida à sua própria necessidade; ela organiza todos os materiais do mundo concreto tendo em vista o habitar.⁶ É a construção dos lugares que norteia toda Arquitetônica. E lugar é tudo aquilo que recebe uma ação humana – a habitação – segundo os seus variados modos. É em função do conceito de habitação, o qual implica modificações espácio-temporais a serem dispostas pela obra, que o projeto pode definir-se como hipótese, não somente de natureza lógica, mas hipótese que implica sempre e necessariamente a elaboração crítica dos dados do problema, tema ou assunto que a arquitetura se proponha a tratar.⁷

SOBRE A RECEPÇÃO

Arquitetura é obra que está sempre em execução, que não se presta à simples contemplação, ou antes, não pode ser compreendida na contemplação. A obra arquitetônica realiza permanentemente uma dupla tarefa:

- a) a de atrair para si a atenção do observador;
- b) e, a seguir, afastar de si essa mesma atenção, pois deve reconduzir o observador da fruição da forma, da atenção à sua própria configuração para o contexto vital que a acompanha.

A obra não é um fim em si mesma, devendo sempre ter por objetivo submeter-se a uma dada forma de vida. Um edifício tem seu lugar no meio da vida prática, e não existe (não está ali) para ser contemplado. Antes, refere-se, pelo seu uso, à capacidade da obra de estruturar-se como acontecimento coletivo ou potencialmente coletivo, passível de ser compreendida numa comunidade, numa comunicação partilhada.

Quando, antes, a tradição identificava mimese e harmonia, e atribuía à geometria a tarefa da instalação da harmonia na forma arquitetônica, o que resultava desse procedimento era a idéia de uma forma controlada pela geometria, em teorias, no fim, prescritivas do uso. É por isso que, suspensa a tradição, no que tange aos modos de produção da forma arquitetônica, pode permanecer vigente o fundamento da ordem. O trajeto da arquitetura no século XX nos mostra que, desde as experiências dos anos 20, o que se encontra fundamentalmente em crise

⁶ Chegamos pois à especificidade: Conrad Fiedler nos diz (*Schriften über Kunst*, 1876) que “a obra de arte não é uma expressão para algo que teria existência também sem essa expressão”.

⁷ Gregotti em, *Território da Arquitetura*, nos diz: “Quando projeto, o meu problema é fazer arquitetura, não para remeter a um outro assunto, nem para simbolizar ou significar algo, mas para fazer uma coisa, para construir um lugar”.

é a forma de atenção dos habitantes, seja aquela requerida pelos arquitetos, seja a que realmente dispensamos, como usuários, aos espaços que experimentamos.

Qualquer que tenha sido o esforço de encontrar soluções programáticas, com vínculos políticos (que reinsiram a arquitetura no mundo da vida) ou não, a arquitetura, via de regra, agarra-se ferrenhamente à estabilidade da linguagem formal.

Ao contrário, a arquitetura, como obra, guarda a experiência da instabilidade. São palavras-chave para a compreensão da arquitetura: aprendizado, estranho, atração, duração, demorar-se, latência, emergência, recolhimento, apropriação.

É justamente essa experiência da oscilação, da instabilidade, que tem sido problemática para a feitura das obras de arquitetura. Não obstante essa imersão no mundo cotidiano das pessoas, a obra mostra algo, e o faz mediada pela forma.

Mas, mesmo que fixada numa forma, sua experiência sempre ultrapassa essa mesma forma. Há as pessoas dentro dos lugares. Seu mover-se por eles às vezes completa a forma, às vezes subverte-as: trata-se de tornar algo familiar, por já ter sido antes assim (para o caso de uma obra do passado), ou porque se aprende com ele, preenchendo-se as próprias expectativas de sentido. Reconhecer e, afinal, tornar próprio o estranho.

A interpretação da obra de arquitetura dá-se segundo um diálogo que é mover-se até o outro. O usuário traz consigo um mundo, encontra outro, configurado na obra, e o que resulta daí é ainda um outro, terceiro universo: o da experiência. Só esses habitantes são capazes de fazer emergir, trazendo o seu exercício diário no mundo da vida, a possibilidade de significação da obra de arquitetura.

Pensar essa abertura para o habitante. Que a forma esteja aberta não a infinitos e inequívocos significados. Formas arquitetônicas não se vestem, indiscriminadamente, de pretensos significados culturais unânimes, claros ou esquematizados.

Usuário e obra travam um embate. Enquanto houver alguém dentro dos lugares, todas as configurações espaciais devem ser tomadas como provisórias, às vezes incompletas, pois são o resultado deste equilíbrio instável: a vontade de quem mora e o quanto a forma suporta, em sua integridade, o modo de morar.

E, quando não houver mais pessoas nos espaços, aí já não haverá mais arquitetura.

Endereço para correspondência:

Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico
30535-610 – Belo Horizonte – MG